

MELTZER E A MENTE INICIAL

Marisa Pelella Mélega,¹ São Paulo

pmelega@uol.com.br

Resumo

Este texto propõe divulgar alguns aspectos das contribuições de Meltzer reveladas em seus escritos com ênfase em sua clínica abordando o trabalho com crianças e a mente inicial. A autora comenta também sua experiência de supervisão com Meltzer que a estimulou, entre outros, por exemplo, a escrever o trabalho “Intervenções terapêuticas conjuntas pais-crianças” (1998).

Palavras-chave: contribuições de Meltzer, mente inicial, autismo, padrões familiares, psicanálise de crianças

Meltzer and the Initial Mind

Abstract: This text aims to highlight some aspects of Meltzer’s contributions revealed in his writings, with an emphasis on his clinical work with children and the initial mind. The author also discusses her supervision experience with Meltzer, which encouraged her, among other things, to write the paper “Intervenções terapêuticas conjuntas pais-crianças” (1998).

Keywords: Meltzer’s contributions, initial mind, autism, family patterns, child psychoanalysis

I. Breve síntese do pensamento de Meltzer e seus escritos

Donald Meltzer (1922-2004), após terminar seu curso médico, interessou-se por crianças e encaminhou-se para a psiquiatria infantil nos USA, país em que nasceu de seus ancestrais lituanos. Ao tomar contato com escritos de M. Klein, em 1954, decidiu analisar-se com ela, mudando-se então para Londres, e essa análise só terminou com o falecimento dela, em 1960.

A cronologia de seus escritos é bem conhecida, mas vale a pena destacar de sua produção a primeira década pós-análise com Klein.

Temos então “Uma contribuição à metapsicologia dos estados ‘ciclotímicos’”, em que Meltzer usa o conceito de objeto combinado, descoberto por Klein durante a análise de Richard. Tal formulação teve um resultado impactante nela e na comunidade psicanalítica, como uma “nova ideia”. Em sua forma mais primitiva, o objeto combinado consiste no peito-e-mamilo, em dimensão parcial, trazendo a ideia de mãe-e-pai em conjunção sexual.

Em seu estudo acerca da ciclotimia, Meltzer propõe que a instabilidade da personalidade ciclotímica decorre da fantasia de ter atacado e danificado

1 Analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

o peito, arrancando o mamilo por sua voracidade e inveja; e o mamilo, associado ao pênis, produz uma idealização grandiosa da figura masculina e um denegrimiento da figura feminina. O objeto primário internalizado, o peito (o seio) danificado, não pode ter funções de continência. Nesse trabalho Meltzer põe “lente de aumento” na estrutura inicial da personalidade do ciclotímico, em que aquelas fantasias infantis persistem no adulto, trazendo graves consequências.

O discurso de Klein até 1945, embora falasse em objetos internalizados, ainda era “freudiano”, falava de imagos, e a realidade psíquica não era ainda considerada como um mundo concreto. Em 1946, com “Notas sobre alguns mecanismos esquizoides”, surgiu o conceito de cisão e de identificação projetiva, e, então, de concretude do mundo interno.

Em “Melanie Klein 1882-1960”, Meltzer (1982) resume a essência do modelo de mente de Klein e seu terceiro período (1946-1960), que é: 1- A mente não é uma unidade, mas é cindida em muitas partes. 2- As pessoas não vivem somente em um mundo, mas pelo menos em dois ou mais. 3- As emoções são o centro da vida mental e a fonte dos significados. 4- Os sonhos são o fundamento do pensamento.

O objeto combinado passou a ser visto por Meltzer como uma divindade interna, e mais tarde ele desenvolveu, com base nesse conceito e na observação de bebês, a teoria do conflito estético no desenvolvimento emocional.

Quando ele se desligou da Sociedade Britânica, passou a ensinar na Tavistock Clinic, onde o ambiente tendia a ser “aprender com a experiência”, como Bion definia.

A experiência de ensino na Tavistock levou Meltzer a produzir vários escritos e livros, o primeiro deles *O processo psicanalítico* (1967). Neste Meltzer compreende o processo analítico como uma “história natural” que começa com a colheita da transferência e progride através das confusões geográficas e zonais consequentes ao uso excessivo de identificações projetivas do paciente para se defender de ansiedades ao perceber-se separado de outra mente, o que resulta intolerável. A “história natural” consistiria em o paciente viver com o analista – que passa a ser depositário de seus objetos primários (o seio toilette) – uma nova história, para que ele possa alcançar o funcionamento depressivo.

Ainda durante o intenso trabalho na Tavistock ele escreveu *Desenvolvimentos kleinianos*, em três volumes, no segundo dos quais ele comenta semana a semana da análise de Klein com Richard, propondo expansões.

Esther Bick, Martha Harris e Wilfred Bion foram os autores que mais influenciaram seu pensamento e sua produção. Seu trabalho com observação de

bebês junto a Bick levou ambos ao conceito de identificação adesiva, mecanismo de defesas contra vivências emocionais que a personalidade não consegue elaborar devido a ter um espaço interno precário (o mundo interno de Klein), dificultando enormemente a formação simbólica, a criação de significados.

Nesse período dedicou-se ao estudo e supervisão de vários casos de crianças autistas e consolidou o conceito de identificação adesiva, descreveu o funcionamento bidimensional em que a personalidade só consegue conhecer o objeto pelo contato com as suas superfícies, um contato sensorial levando à incapacidade de alcançar significados emocionais. Descreveu também o conceito de desmentalização (*mindlessness*), defesa encontrada nas crianças autistas para reduzir o impacto emocional, desmembrando a experiência em várias percepções sensoriais de si e do objeto (*Explorations in autism*, 1975).

Tais compreensões vão levá-lo, mais tarde, a formular a teoria do conflito estético, em seu livro *The apprehension of beauty: the role of aesthetic conflict in development, art and violence* (1988). Na década de 1980, Meltzer dedica-se ao estudo dos sonhos e da formação simbólica, deixando para trás a psicopatologia. Para ele, o desenvolvimento natural do indivíduo é tão complexo e extraordinário, que não é facilmente compreendido. Influenciado pelas teorizações de Bion, passou a centrar seu interesse na formação do aparato para pensar e escreveu acerca das aplicações clínicas das ideias de Bion a fim de enfatizar a distinção entre mente-pensante e mente-não-pensante (*Studies in extended metapsychology*, 1986).

Em 1983, ele escreveu *Dream life*, no qual mostra que os sonhos são manifestações do drama dos objetos parciais com aspectos do objeto interno combinado agindo como protagonista no “teatro gerador de significados”. A vida onírica é um *continuum* em que o significado é continuamente gerado pelos objetos internos, e não criado pelo self. Para ele a produção onírica é o mais criativo nível da função mental, é o nível “apresentacional”, e o restante é visto como nível “discursivo” (falar em vez de mostrar).

Em 1966, Meltzer publicou seu texto “Masturbação anal e identificação projetiva”, outro achado clínico seu que depois lhe serviu para formular, a partir de sua clínica, uma patologia em que havia fenômenos de identificações projetivas intrusivas no objeto interno, que descreveu em seu livro *The claustrum* (1992). Na verdade, foi com base em sua conceituação de conflito estético que chegou aos fenômenos claustrofóbicos. Nessa patologia a personalidade mostra uma pseudomaturidade, um falso self (Winnicott), pela incapacidade de viver o conflito estético.

Meltzer descreve a configuração original do conflito estético como segue:

Nenhum acontecimento da vida adulta pode despertar nossa admiração pela beleza e nosso assombro ante o intrincado funcionamento do que chamamos Natureza como os fatos da procriação. Não há flor nem pássaro de esplêndida plumagem que nos ponha tanto em frente ao mistério da experiência estética como a visão de uma jovem mãe com seu bebê no peito. Ingressamos num lugar como entraríamos numa catedral ou nas grandes florestas da costa do Pacífico, sem fazer ruído, com a cabeça descoberta. As comoventes conversas radiofônicas de Winnicott, muitos anos atrás, sobre “a mãe comum devotada e seu bebê” poderiam muito bem ter falado de “a bela mãe comum devotada e seu belo bebê comum”: foi certo usar a palavra “comum” com seus matizes em vez do estatístico “médio” (bebê médio).

A experiência estética da mãe com seu bebê é comum, habitual, costumeira e remonta a milênios de anos atrás, desde que o homem viu o mundo, pela primeira vez, como “belo”. E nós sabemos que isso vem, pelo menos, desde a última glaciação.

A sexualidade é outro tópico que motivou Meltzer a escrever *Estados sexuais da mente* (1973). Para ele a fantasia-chave de qualquer estado da mente é a cena primária. A natureza da fantasia da cena primária é a que governa a fantasia toda. Então, o objeto combinado é o cerne do significado da experiência.

II. Minha experiência de supervisão

Ao publicar *Studies in extended metapsychology*, ele se desculpou por impor mais um livro. Pois ele privilegiava o trabalho clínico, durante o qual sentia-se imaginativo e criativo. Mais tarde afirmou que seu único talento era “ler” os sonhos, em sua dimensão espacial, a partir das cenas visuais narradas pelos pacientes, ele que em seus inícios interessou-se pelas artes plásticas e chegou a publicar uma conversa com o crítico de arte britânico Adrian Stokes (“Concerning the social basis of art”), que ele teve em 1963, no livro *The apprehension of beauty*.

Em seminários Meltzer enfatizava o fato de que as crianças faziam desde logo uma transferência verdadeira na relação com o analista, enquanto os adultos iniciavam com o que ele passou a chamar de “transferência pré-formada”, referindo-se ao pré-conceito do paciente de como deveria se comportar numa análise (em *Meltzer em São Paulo*, ver “O processo psicanalítico”). Mais de uma vez ele falou acerca do trabalho de Klein com Richard (*Narrativa de análise de uma criança*), como um livro precioso, embora pouco lido, comparando-o a *Guerra e paz*, de Tolstói. Ele dedicou um volume de sua trilogia *Desenvolvimentos kleinianos* a comentar semana a semana a análise de Richard, sugerindo expansões, e apontando “novas ideias” no trabalho de Klein.

Meltzer escutava o relato de uma sessão como que imerso na narrativa, buscando torná-la viva e presente a partir da expressão emocional do supervisionando. Para Bion, seria “a reverie” do supervisor, para Meltzer, é “o sonho de contratransferência”, tão necessário para o trabalho analítico; é o que possibilita uma observação acurada e onde, como ele dizia, é estabelecida uma conversação entre os objetos internos do analista e do analisando, e, no caso, do supervisionando.

Lembro-me da agudeza de suas intervenções sugerindo significados durante as supervisões de um caso meu de pós-autismo.

III. Sua influência no meu trabalho com crianças e seus pais

Em 1990 apresentei a Meltzer o caso Gianni para ouvir sua opinião sobre o atendimento da criança junto com os pais (que discuti no artigo “Constituição versus ambiente: diálogo decisivo na formação e transformação psíquica”, publicado na *Revista Brasileira de Psicanálise* em 1993). Meltzer disse que teria sido preferível atender a família toda primeiramente, até que se pudesse gerar uma “atmosfera familiar”, para mãe e pai perceberem sua função e a realidade de Gianni, promovendo assim um setting continente para essas funções irem crescendo pouco a pouco. Perguntei a ele sobre como lidar com a transferência ao atender pais e criança ao mesmo tempo. Ele respondeu que nesse atendimento de gerar “atmosfera familiar” toma-se uma atitude que vem da Observação da Relação Mãe-Bebê, mas tendo uma participação, ou seja, observando e descrevendo para ele o que se vê da criança, procurando não interpretar, embora saibamos que a interpretação acaba entrando na maneira com que descrevemos a criança.

Eu vinha de tradição técnica em que se avaliavam as condições psíquicas de uma criança após entrevistas com os pais, e então, após essa primeira avaliação, orientavam-se os pais, e em geral encaminhava-se a criança para análise. No decorrer desta, turbulências e invasões dos pais atestavam a necessidade de dar novos esclarecimentos a eles, e surgia a possibilidade de aclarar conflitos e ansiedades da família em questão. Quando a Observação de Bebês na família passou a ocupar seu merecido espaço na formação analítica, a intimidade permitida ao observador possibilitou visualizar cenas familiares que expandiram a compreensão de tais interações e sua consequência no desenvolvimento emocional do bebê.

O desafio passou a ser como trabalhar com a família, baseado em que técnica, com quais referenciais, para poder fornecer aos pais elementos de suas funções e torná-los aliados em um processo analítico a ser enfrentado com a criança.

No Centro de Estudos Psicanalíticos Mãe-Bebê-Família de São Paulo iniciamos, em 1991, um grupo de estudos, coordenado por mim, em que,

por meio da apresentação de casos clínicos, procurávamos modos de abordagem dos pais nas sessões conjuntas com seus filhos. Eu já vinha de uma experiência que fora apresentada no Congresso da Tavistock em 1990, “The psychoanalytical observer as a container model of the maternal function: movements within transference and countertransference”, e publicada nos *Anais da Tavistock Tavistock-Model Courses, Nápoles, Itália*.

Aos poucos conseguimos sistematizar abordagens da família usando os seguintes referenciais: 1) A técnica de observação instituída por Esther Bick. 2) A descrição dos grupos de supostos básicos de Bion (1963). A família passou a ser vista como um grupo com seu funcionamento regido pelos líderes, os pais, e estes tendo definidas suas funções junto aos filhos. 3) Os padrões familiares descritos por Meltzer e Martha Harris, em “Family patterns and cultural educability”, publicado em *Studies in extended metapsychology*, 1986, em que ele descreve as funções parentais na família em seus aspectos positivos e negativos.

Durante essas reuniões, enquanto os pais tentavam descrever (nível discursivo) o que se passava, a criança mostrava (nível apresentacional) o que se passava. Assim a sessão familiar ia se tornando habitada por imagens oníricas vindas diretamente do inconsciente da criança em interação com seus pais.

O inconsciente da criança pode ser inferido na relação com o adulto, se este estiver livre do desejo de ensinar, de educar ou de assumir a função de cuidador. Espera-se que isso seja possível durante uma relação analítica.

Referências

- Bick, E. (1964). Notas sobre la observación de lactantes, em la'enseñanza del psicoanálisis. *International Journal of Psychoanalysis*, 4.
- Bion, W. R. (1963). *Experiencias en grupos*. Paidós.
- Klein, M. (1961). *Narrative of a Child Analysis*. Hogarth Press.
- Klein, M. (1970). *Contribuições à psicanálise*. Mestre Jou.
- Mélega, M. P. (1998). Intervenções terapêuticas conjuntas pais-filhos. *Alter: Jornal de Estudos Psicodinâmicos*, 17(2), 119-134.
- Mélega, M. P. (2002). Gerando significados no trabalho com pais-crianças. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36(3), 531-540.
- Mélega, M. P. (2024). *Pós-autismo*. Blucher.
- Meltzer, D. (1967). *The Psychoanalytical Process*. William Heinemann.
- Meltzer, D. (1973). *Sexual States of Mind*. The Roland Harris Trust.
- Meltzer, D. (1975). *Explorations in Autism*. Karnac.
- Meltzer, D. (1978). *The Kleinian Development*. Clunie Press.
- Meltzer, D. (1984). *Dream Life*. Karnac.
- Meltzer, D. (1986). *Studies in Extended Metapsychology*. Karnac.
- Meltzer, D. (1988). *The Apprehension of Beauty*. Karnac.
- Meltzer, D. (1992). *The Claustrium*. Karnac.
- Meltzer, D. (1994). *Sincerity and Other Works*. Routledge.
- Meltzer, D. (1996). *Meltzer em São Paulo* [originalmente em português e em inglês]. The Roland Harris Trust.